

A música no contexto das festas escolares: um relato da experiência da Festa da Família, do Instituto Dom Barreto, na cidade de Teresina-PI.

*Patrícia Fernanda da Paixão e Oliveira
Instituto Dom Barreto
patriciapaixao@gmail.com*

*Gislene Danielle de Carvalho
Instituto Dom Barreto
gislenedanielle@hotmail.com*

*Liliane de Oliveira Amorim
Instituto Dom Barreto
liliane.de.o.amorim@gmail.com*

*Juliana Mayra Teixeira Moreira
Instituto Dom Barreto
Julianalima1804@gmail.com*

Resumo: Este relato de experiência descreve como ocorreu o trabalho de criação e montagem da Festa da Família, realizada no Instituto Dom Barreto, localizada na cidade de Teresina, estado do Piauí, no primeiro semestre de 2016. A meta é descrever as diferentes etapas do trabalho, focando na concepção do texto, da música e do espetáculo como um todo, além do processo de ensaio das obras com as crianças e a banda, a apresentação e sua repercussão. Os resultados demonstram que o professor de Música pode atuar nas comemorações escolares de forma direta, ativamente, explorando aspectos intrínsecos e extrínsecos ao fazer/saber musical, correlacionando teoria e prática, promovendo o diálogo entre diferentes áreas de conhecimento, desconstruindo a imagem de “animador de festas”, ainda tão presentes em vários contextos escolares.

Palavras chave: Instituto Dom Barreto. Festa da Família. Música no Ensino Fundamental.

Introdução

A Música, desde a promulgação da Lei 11.769/2008, e mais recentemente após a homologação do Parecer CEB/CNE N. 12/2013, vem se consolidando no contexto escolar. Além de aulas, frequentemente os professores de Música que atuam no ensino básico participam de

festas temáticas, promovidas pelas escolas ao longo do ano, compreendendo tanto celebrações religiosas, como a Páscoa e o Natal, bem como festejos seculares, a exemplo do dia das mães e dos pais. Este é um momento singular para tais educadores, que têm a oportunidade de mostrar o trabalho que desenvolvem, explorando conteúdos de forma sistemática, correlacionando teoria e prática. A ação ganha mais notoriedade quando estes profissionais atuam diretamente no processo criativo, escrevendo e compondo texto e música originais para as referidas comemorações.

Este relato de experiência narra como ocorreu o trabalho de criação e montagem da Festa da Família, realizada no Instituto Dom Barreto, localizada na cidade de Teresina, estado do Piauí, no primeiro semestre de 2016. A meta é descrever as diferentes etapas do trabalho, focando na concepção do texto, da música e do espetáculo como um todo, além do processo de ensaio das obras com as crianças e a banda, a apresentação e sua repercussão.

O espetáculo

O Instituto Dom Barreto (IDB), localizado na cidade de Teresina, estado do Piauí, promove a Festa da Família, concebida com o intuito de sintetizar as tradicionais festas dos pais, das mães e dos avós. O objetivo do evento é celebrar a família, de modo geral, entendida como núcleo básico da vida social, grupo no qual a criança aprende valores essenciais para a sua trajetória.

A expressão “Paz e Bem” serviu como ponto de partida para o projeto, que teve como objetivo promover uma viagem poético-musical na qual foram explorados diversos temas relacionados ao bem, à paz e à convivência em comunidade. A meta era refletir sobre o estilo de vida moderno, porque a escola entende que a construção de um mundo mais justo, fraterno e amoroso passa, necessariamente, pela revisão dos valores familiares, incluindo as questões econômicas, políticas, sociais, educacionais e ambientais.

Para a montagem do espetáculo foram usados como base dois livros: *Seis razões para cuidar bem do planeta Terra* e *Seis razões para as coisas durarem mais*, de Nilson José Machado, Silmara Rascalha Casadei e Michele Rascalha, com ilustrações de Vera Andrade,

publicados pela Escritinha, em 2008 e 2012, respectivamente. Originalmente, a proposta foi concebida para dois personagens, o Pai Tempo e a Mãe Natureza, num espetáculo integral, isto é, sem pausas, com duração aproximada de 60 minutos, com a participação de todas as crianças do primeiro ao quarto ano do ensino fundamental. No entanto, após a leitura inicial, a equipe de professores de Língua Portuguesa alterou o texto, substituindo os atores adultos pelas próprias crianças, que passaram a ser protagonistas da narrativa. Por esta razão, adaptaram-se as falas, deixando-as mais acessíveis aos alunos do quinto ano, que não estavam inseridos inicialmente no projeto. A narrativa foi conduzida por eles que, ao longo do enredo, dialogaram com a plateia e chamaram as crianças para o palco.

As composições

Os temas trabalhados foram distribuídos entre as turmas. Todas as composições são originais e foram escritas pelas próprias professoras de Música do IDB. No processo criativo, levou-se em conta a faixa etária de cada turma, a extensão vocal das crianças e os conteúdos trabalhados em sala de aula, resultando nas seguintes canções: 1) *As coisas precisam de carinho* (frevo); 2) *Consertar as coisas nos faz aprender mais* (samba); 3) *Conservar as amizades nos torna mais felizes* (xote); 4) *Cuidar da natureza é preservar a vida* (country); 5) *A Terra é viva* (rock); 6) *O desperdício é sempre uma violência* (xote); 7) *O novo nem sempre é melhor que o velho* (samba); e 8) *A Terra é para sempre nosso lar* (rock).

A opção pelo xote, country, rock, samba e frevo não foi fortuita, pois, de acordo com Queiroz e Marinho (2009, p. 71), a Educação Musical escolar tem como um de seus preceitos o intuito de “valorizar o contexto cultural do estudante, compreendendo, reconhecendo e utilizando o seu discurso musical como fase e/ou base para o processo de ensino e aprendizagem da música”. Por isso, as canções foram escritas dessa forma, visto que as crianças se identificam com esse tipo de música-dança, por conta da familiaridade promovida pelos meios de comunicação e a internet.

A canção *Cuidar da natureza é preservar a vida*, escrita em Si bemol maior, tem melodia simples. A levada country, estilo do qual o rock é derivado, envolveu todo mundo. Já a

canção *A terra é pra sempre o nosso lar*, escrita em Dó maior, é um rock que faz referências ao “Movimento Iê Iê Iê”, à Jovem Guarda, à música brasileira da década de 60. *A Terra é Viva*, outro rock, em Si menor, foi dedicada ao quarto ano. A aprendizagem desta música foi muito rápida, um sucesso entre os alunos, sendo cantada, inclusive, por crianças de outras séries, durante os ensaios. A letra, que versa sobre a importância do cuidado com a Terra, foi prontamente entendida pelos cantores. *As coisas precisam de carinho*, um frevo em Dó maior, foi cantada pelas crianças do primeiro ano. A música abre com a onomatopeia “para para pa pa”, um recurso utilizado para dinamizar o trabalho rítmico, estimulando as crianças a imitar os instrumentos de sopro e percussão tão característicos dos conjuntos que interpretam esse tipo de música durante o carnaval.

FIGURA 1 – Introdução do frevo *As coisas precisam de carinho*, compassos 1-4



Fonte: Manuscrito do compositor

Todas as canções foram arranjadas para banda, formada pelos seguintes instrumentos: teclado, guitarra, baixo, violão e percussão. As composições incluíram passagens com percussão corporal, envolvendo mãos e pés, bem como outros instrumentos alternativos. Para agilizar o trabalho, todas as professoras de Música gravaram as canções em um estúdio da cidade, acompanhadas pelos músicos que integravam a referida banda.

Os ensaios e a apresentação

Os ensaios aconteceram nas dependências do educandário e contaram com a participação das professoras de Música e auxiliares de cada turma, tendo em vista o grande número de alunos envolvidos. Cada série aprendeu duas canções. No primeiro contato, a abordagem foi voltada para os poemas, que foram contextualizados dentro da proposta do espetáculo e vinculados à realidade dos alunos. Além da compreensão textual, buscou-se fixar e memorizar a letra. Para auxiliar neste processo, foram realizados jogos que exploraram

diferentes aspectos sensório-motores que reforçaram a relação entre som e movimento. Essas atividades priorizaram o aprendizado por meio da experiência corporal (cf. BRITO, 2003; ILARI *et al.*, 2013).

Musicalmente, o foco foram os ritmos brasileiros, dentre os quais o frevo e o samba, questões relativas à rima, assim como aspectos formais, isto é, de que modo a música estava estruturada, se havia refrão e quais os instrumentos que tocavam na introdução, no interlúdio e no poslúdio. A afinação, a qualidade vocal, o andamento e as variações de intensidade também foram contemplados. Usando a gravação feita em estúdio, as crianças apreciaram, por meio da escuta dirigida, todas as canções do espetáculo. Com o acompanhamento de *playbacks*, os alunos ensaiaram sob a coordenação das professoras auxiliares e com as professoras de Música. Por fim, foram incluídas coreografias, elaboradas pelas professoras de Dança e Educação Física da escola. Na composição dos gestos e passos, observou-se uma preocupação em transmitir a ideia do poema que serviu de base para cada canção, bem como em associar a pulsação de cada obra com os movimentos das crianças.

Na semana da apresentação, foram realizados dois ensaios gerais, que contaram com a participação do Diretor Cênico do evento, as professoras de Educação Física e Dança, a banda formada para o show e as professoras de Música, que cantaram as composições juntamente com as crianças. Durante duas semanas, os estudantes ouviram diariamente as músicas em dois momentos, no início das aulas e na volta do recreio. Essa audição era breve, porque a intenção era tornar o canto fluente, facilitando a montagem da coreografia. Observou-se que as crianças do quarto ano, por não contarem com professoras auxiliares para essa prática diária, tiveram maior dificuldade na aprendizagem, chegando aos ensaios com certa defasagem no domínio do texto.

Para convidar os alunos para o projeto, a escola enviou um comunicado aos pais, que livremente aderiram à proposta. Assim, nas séries iniciais, do primeiro ao terceiro ano, a participação foi muito grande, contrapondo-se à adesão dos quartos e quintos anos, que foi bem menor, restringindo-se, exclusivamente, à inserção dos alunos que interpretaram as personagens.

O local de apresentação, Teresina Hall, é um espaço construído para grandes shows, que, embora tenha acomodado muito bem o público, causou também certo espanto nos intérpretes, por conta das suas dimensões. Fundamentalmente, as crianças ensaiaram num espaço e se apresentaram noutra, o que, já se sabe, é problemático. Mesmo com o ensaio geral e os recursos tecnológicos de última geração, infelizmente, houve um desequilíbrio que comprometeu o conjunto na hora da performance, pois, além da acústica não favorecer, não haviam microfones condensadores na quantidade ideal para atender a todas as crianças que estavam no palco. No entanto, enquanto processo de criação e aprendizagem, o musical envolveu a todos, e os educandos atuaram, ao longo de todas as etapas, com desenvoltura.

A repercussão

Durante a montagem e após a realização do espetáculo, vários alunos, professores e pais manifestaram suas impressões sobre o mesmo, destacando vários pontos positivos, dentre os quais a alegria das crianças e a interação entre diferentes disciplinas e conteúdos. A professora Luana Moraes, por exemplo, que leciona no primeiro ano, assim comenta:

As crianças, durante a Festa da Família, puderam se divertir muito com as músicas. Isso era visível durante os ensaios. Todas elas se alegravam com as músicas tocadas, principalmente as mais agitadas, dentre elas o frevo, pois com o frevo foi perceptível a maior interação entre elas, todas se divertiam e cantavam em voz alta. Nós, professores, ficamos satisfeitos com o empenho e desempenho delas, pois elas tinham muito interesse em aprender as coreografias e músicas. Achei louvável a atitude das professoras que compuseram as músicas da Festa da Família. Isso prova que as mesmas acreditam e conhecem que um trabalho feito com prazer e compromisso traz bons resultados. As músicas, todas elas sem exceção, foram bem criativas e alusivas à realidade vivida nas famílias, pregando assim a união e amor (MORAES, 2016).

Já a professora Silvana da Silva Dias, que leciona Educação Física para os segundos e terceiros anos, relata que, no início, foi difícil. A primeira audição, eles não gostaram muito. Mas, com o passar do tempo, “eles foram gostando e ficando animados, cantando, e, quando

coreografamos, eles passaram a gostar mais ainda. Posso estar enganada, mas o samba e o rock foram as que eles mais gostaram” (DIAS, 2016).

Outro aspecto relevante relatado foi a colaboração das crianças no processo criativo. Com relação às coreografias, as professoras Francisca Andrade do Nascimento e Nailene Rocha dizem que quando

As coreografias começaram a ser montadas, as crianças sugeriram passos, movimentos, interagindo conosco, e assim as coreografias foram nascendo, tudo muito animado, colaborativo. No entanto, no dia da apresentação, tivemos a dificuldade do ao vivo. (NASCIMENTO, 2016)

coreografar foi fácil porque o ritmo e a letra ajudaram. Algumas partes das músicas, principalmente no samba, eram difíceis de cantar, porque eram rápidas. No primeiro ensaio, do primeiro ano, todos ficaram inseguros. Mas, depois que eu expliquei a letra da música, todos entenderam e começaram a gostar. O samba foi o que eles mais gostaram (ROCHA, 2016).

Sobre a dificuldade da performance ao vivo, mencionada pela professora Francisca, é importante observar que, além do espaço físico, a presença da banda também criou uma atmosfera diferente. Os alunos estavam, ao mesmo tempo, curiosos e encantados com tudo. Para alguns, aquele era o primeiro contato com muitos dos instrumentos que estavam sendo usados nos arranjos, o que, de certa forma, provocou desconcentração, comprometendo as coreografias. Este problema se acentuou porque alguns dos músicos que participaram da gravação, no estúdio, não integraram a banda que se apresentou ao vivo por motivos diversos. Por causa disso, os instrumentistas que acompanharam as crianças nos ensaios gerais e na festa demoraram um pouco para conseguir fazer tudo exatamente como fora gravado no CD, fato que provocou certa tensão.

A professora Nailene Rocha diz que, nos ensaios do primeiro ano, ouviu vários relatos. Os alunos

disseram que já doaram brinquedos, que cuidam dos brinquedos, que o pai consertou a bicicleta e que tinham que cuidar das amigas, que têm amigos

verdadeiros. Um dos alunos falou sobre os pais, que estudaram na escola e fizeram amigos com os quais até hoje convivem e que também são amigos dos filhos deles (ROCHA, 2016).

Para a professora Caroline da Silva Mateus, o que mais chamava a sua atenção era

o fato de que as músicas deixavam os meninos muito felizes, agitados e entusiasmados, para que chegasse logo o dia da apresentação e que eles fossem os melhores. A união da turma, para mostrar ao outro amiguinho que não acertava o passo ou a letra, também me encantou. Eles, entre si, buscavam se ajudar, e queriam se divertir. Outro fato que me encantava, era como eles queriam fazer lindo, para os pais, e como eles se concentravam nas tarefas. E, assim, como sem querer, começavam a cantar, quando estavam voltando do recreio ou até mesmo enquanto eu não chegava na sala e eles mesmos, sozinhos, cantavam. Enfim, a empolgação deles com a chegada do grande dia e todo o entusiasmo era contagiante (MATEUS, 2016).

Adriana Pires, mãe de uma aluna do quarto ano, assim comentou sobre a experiência:

Nós participamos da Festa da Família com muita alegria e essa mesma alegria esteve presente durante os dias que antecederam à festa. O tema escolhido, a mensagem de cuidado, o texto, as músicas e coreografias muito bem ensaiadas. Júlia sempre gostou de música e desde que entrou na escola participa de aulas de música. Acredito que esse gosto pela música venha contribuindo sempre para que ela se envolva com tanta alegria e motivação nessas atividades escolares (PIRES, 2016).

Os alunos também avaliaram a participação deles no evento. Nereida de Carvalho Araújo, que ingressou na escola recentemente e cursa o segundo ano, turno da tarde, foi solicitada a falar sobre o projeto, destacando os pontos positivos e negativos, afirmando que a experiência tinha sido ótima: “Não tem como eu dizer do que mais gostei, porque eu gostei de tudo e foi muito, não teve como eu não gostar.” Quando indagada se já havia vivenciado uma experiência como esta, afirmou que já tinha experiência em apresentar-se, mas que “aquela havia sido diferente, porque teve mais crianças. A última vez que participei só havia uma criança, eu mesma.”¹ Sobre o processo de aprendizagem das canções, comentou: “As professoras ficavam passando na sala de aula, mas foi chato. Eu achava muito chato, porque

¹ Ela aqui faz referência ao musical *A Batalha do Jenipapo*, para o qual fez teste seletivo e foi aprovada para interpretar uma das personagens.

tinha crianças que não sabiam as músicas, mas eu já sabia. Então, eu ficava enjoada de ouvir tantas vezes a mesma música” (ARAÚJO, 2016).

Considerações finais

A experiência da realização deste projeto, que acontece pelo segundo ano consecutivo, está longe de ser perfeita. Vários aspectos ainda precisam ser aprimorados. Contudo, o papel de destaque que a música teve ratifica a premissa que esta é uma oportunidade para o educador musical aliar a teoria à prática, o ideal pedagógico ao cotidiano do contexto escolar. Pode-se dizer que, no caso relatado, as crianças participaram cantando, dançando, interpretando personagens, interagindo, de modo ativo e consciente, na construção do fazer/saber musical. O caráter abrangente do projeto permitiu o diálogo entre diversas áreas, atendendo às necessidades de promoção de conhecimento amplo junto aos alunos, “seu desenvolvimento criativo e participativo, não os situando na condição predominante de ‘público’, nem restringindo a ‘música na escola’ a apresentações, à música das aparências, das comemorações visíveis e exteriores” (KATER, 2011, p. 42).

A Festa da Família explorou aspectos intrínsecos e extrínsecos da prática musical. Do ponto de vista técnico, as crianças desenvolveram a percepção rítmica por meio da dança; cantaram numa região adequada, que valorizou o timbre da voz infantil; aprenderam sobre música brasileira e diferentes instrumentos. Sob a perspectiva extramusical, os alunos trabalharam de forma colaborativa, socializaram experiências, refletiram sobre o meio ambiente, a amizade e a vida, de modo geral.

O ensino de música na escola básica obriga o docente a ser criativo. De fato, muito se critica a participação do professor como animador de festas. Aqui, porém, a experiência foi diferente. A música foi a tônica, foi o elo que ligou vários setores e áreas, que apoiaram e participaram do projeto. O professor de Música, neste caso, não exerceu um papel secundário ou tão-somente transversal. Ao contrário, ele foi o criador, o organizador, aquele que amparou outros profissionais para que as crianças tivessem a oportunidade de vivenciar a música dentro de um projeto concebido pedagógica e artisticamente. Indiscutivelmente, após uma

experiência desse porte, todos se transformam, ficam mais sensíveis ao fazer/ser musical e ao fazer/ser docente, assegurando, como preconiza a Lei, o espaço da Música na escola.

Referências

Bibliográficas

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. *Riffs forever: o rock na sala de aula*. Música na Educação Básica. Londrina, v.4, n.4, novembro de 2012.

GALIZIA, Fernando Stanzione. *Educação musical nas escolas de ensino fundamental e médio: considerando as vivências musicais dos alunos e as tecnologias digitais*. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 21, 76-83, mar. 2009.

ILARI, Beatriz; MATEIRO, Teresa (Orgs.) *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: IBPEX, 2013.

KATER, Carlos. "Por que música na escola?": *Algumas reflexões*. IN: JORDÃO, Gisele et al. *A Música na Escola*. São Paulo: Alluci & Associados Comunicações, 2012.

Fontes Orais

ARAÚJO, Nereida de Carvalho. *Depoimento oral*. Entrevista concedida a pesquisadora Gislene Danielle de Carvalho, julho de 2016.

MATEUS, Caroline da Silva. *Depoimento oral*. Entrevista concedida a pesquisadora Gislene Danielle de Carvalho, julho de 2016.

MORAES, Luana. *Depoimento oral*. Entrevista concedida a pesquisadora Patrícia F. Da P. e Oliveira, julho de 2016.

NASCIMENTO, Francisca Andrade do. *Depoimento oral*. Entrevista concedida a pesquisadora Gislene Danielle de Carvalho, julho de 2016.

PIRES, Andriana. *Depoimento oral*. Entrevista concedida a pesquisadora Patrícia F. da P. e Oliveira, julho de 2016.

ROCHA, Naliene. *Depoimento oral*. Entrevista concedida a pesquisadora Liliane de Oliveira Amorim, julho de 2016.

DIAS, Silvana. *Depoimento oral*. Entrevista concedida a pesquisadora Gislene Danielle de Carvalho, julho de 2016.